

A LGBTFOBIA COMO CONSEQUÊNCIA DO PATRIARCADO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Victória Aparecida Pereira e Silva (Graduanda), e-mail:
victoria.hamashia@gmail.com

Maria Inez Barboza Marques (Orientadora), e-mail:
maria.marques@unespar.edu.br

Universidade Estadual do Paraná
UNESPAR/Campus Paranavaí

Resumo: O respectivo resumo tem como objeto de discussão: “A LGBTfobia como consequência do Patriarcado na Sociedade Contemporânea”, e como objetivo contribuir com a compreensão do processo histórico relacionado à LGBTfobia na sociedade, ressaltando a ação do patriarcado. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi realizada através de autores(as) que tratam sobre a temática. Por meio dos resultados, é possível compreender que o preconceito é histórico, tendo em vista que o Brasil é um dos países que mais mata a população LGBTI+ mundialmente. Conclui-se que a pesquisa proporcionou informações relevantes acerca da população LGBTI+, do patriarcado e que os objetivos foram alcançados.

Palavras-chave: LGBTfobia, População LGBTI+, Patriarcado.

Introdução

O presente texto aborda as questões relacionadas a LGBTfobia, caracterizada como uma violência que ocorre em consequência do patriarcado. Essa percepção é nítida, através das crenças e valores transmitidos ao longo das gerações, que acabam por marginalizar e excluir o indivíduo por sua sexualidade. Desse modo, esses conceitos e preconceitos acabam por acompanhar o desenvolvimento de muitos(as). Sendo assim, é imprescindível ao mencionar esses fatos, esclarecer que o Brasil é o país que mais registra mortes por homofobia ou transfobia e, estima-se que a cada 23 horas acontece esse tipo de fatalidade. No ano de 2019, foram registradas cerca de 140 mortes de pessoas LGBTI+ (Dados do Grupo Gay da Bahia - GGB, 2019).

Materiais e métodos

O resumo expandido foi construído a partir de revisões bibliográficas.

Resultados e Discussão

Segundo Gonçalves (2020), a LGBTfobia é considerada crime de racismo pelo Supremo Tribunal Federal (STF), com o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº. 26/DF. A LGBTfobia enquadrou-se como crime de racismo, nos moldes da Lei nº 7.716/89, até que seja promulgada uma Lei específica para criminalização desta conduta pelo Congresso Nacional. Esse racismo, consiste em um sistema de opressão social que pressupõe a inferiorização de um grupo denominado, marginalizando-o e estigmatizando as diferenças. Para Gonçalves (2020), a sociedade normativa e heteronormativa não trata com ênfase os crimes de LGBTfobia, retrocedendo no combate dessa violência.

Oliveira e Rodrigues (2020, p.74) destacam que a LGBTfobia perpassa todas as instituições sociais de uma sociedade patriarcal, capitalista, racista e heterossexista. É por meio dessas quatro dimensões que as violências LGBTfóbicas se justificam e ultrapassam a história e o tempo. É possível compreender que essa violência é histórica, na qual perpassa de geração para geração, retrocedendo no respeito às diversidades na sociedade. Segundo Silva (2019), a dominação masculina faz parte da dominação social que age como parâmetro do mundo na ordem social, neste sentido se enquadra a questão da família, escola, igreja e estado. A dominação masculina faz parte da ordem social permanente e pertence a uma reconstrução histórica, na qual esse processo está em constante repetição porém, é algo que deveria ser desconstruído.

A palavra patriarcado demarca uma formação social que os homens detêm o poder, tornando-se sinônimo da dominação masculina sobre as mulheres. Ou seja, eles postulam a existência de um direito materno que teria sido substituído pelo direito paterno, explicitamente chamado por Bachofen de patriarcado, ou seja, colabora no sistema que têm por função a opressão das mulheres, seja nas sociedades atuais, ou na sociedade antiga que criou a palavra. (DELPHY apud. SILVA, 2019, p. 174).

A investigação da LGBTfobia como fenômeno social, continua na dinâmica de investigação do patriarcado, compreendendo que essa categoria é cercada por opressões e violências advindas de outras categorias, como, por

exemplo, a classe e a raça, entendendo que o patriarcado é tão estrutural como o racismo e a luta de classes, não sendo possível a compreensão das opressões de forma individualizada. Vale ressaltar que todos os tipos de violências são raízes do preconceito na sociedade, que agem sobre o cotidiano das pessoas, retrocedendo assim no respeito a diversidade. Esse modelo de sexualidade acaba por ser lido socialmente como o “padrão” ou “natural”, visto que, historicamente, foi o único permitido pelos homens. Consequentemente, o sistema patriarcal e heterossexista perseguem as mulheres, mas também os LGBT’s, ao criar um sistema de normas e regras sociais que devem ser obedecidas e que não reconhece, assim como persegue e oprime, as sexualidades e identidades divergentes das heterossexuais impostas.

O patriarcado é um o sistema de exploração das mulheres, predominando uma ideia de submissão vivenciada por elas ao longo da vida em sociedade. Essa estrutura acaba por criar um conjunto de relações de dominação sobre o corpo, as vontades, desejos, o trabalho e a vida das mulheres, para que, assim, mantenha-se o poder social, político e econômico na mão dos homens (SAFFIOTI apud SILVA, 2019).

Desse modo, é nítido como o patriarcado influencia a sociedade, em uma estrutura social que a força dominante está sobre o comando dos homens e as mulheres abaixo desses. Borrillo apud. Oliveira e Rodrigues (2020, p.74) discutem o heterossexismo afirmando que é a estrutura ou a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior e verdadeira. As demais sexualidades são tratadas como incompletas, acidentais, perversas e, na pior das hipóteses, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. Desta forma, o patriarcado e sua consequente categoria de dominação, o heterossexismo, atua sobre as mulheres, mais ainda sobre as mulheres lésbicas, como também sobre homens gays, pessoas bissexuais, pessoas transgêneros, travestis e demais possibilidades de sexualidades e identidades de gênero, por serem todos esses destoantes de um modelo definido.

Esse modelo patriarcal heterossexista preza ainda, pela manutenção da divisão sexual do trabalho, colocando as mulheres e pessoas LGBT’s de

maneira desigual nos cargos historicamente menos reconhecidos, em situações de superexploração de sua força de trabalho. Sendo assim, o patriarcado invalida as classes e as posiciona de forma desigual, tornando cada vez mais difícil o mercado de trabalho e o acesso de seus direitos em sociedade.

A dominação patriarcal e a exploração capitalista caminham juntas e mesmo com os progressos femininos conquistados na luta por emancipação, a base material do patriarcado continua firme, ou seja, a ideologia patriarcal está presente e bem enraizada no imaginário coletivo (SAFIOTTI apud SILVA, 2019, p. 178).

Desse modo, fica nítido como o patriarcado reflete na sociedade atual através de todos os âmbitos inimagináveis, na qual influencia diretamente nas pessoas e nos modos de relações existentes, que necessita ser desconstruído para uma sociedade justa a homens e mulheres.

Considerações finais

Em virtude dos fatos mencionados, é nítida a ação do patriarcado na sociedade e sobre as pessoas. Desse modo, o movimento LGBTI+ no geral e as suas lutas, devem possuir uma utilidade prática e proporcionar a compreensão do que é ser LGBTI+ na sociedade. Diante disso, as pessoas que cresceram sobre os preceitos patriarcais, podem rever seus conceitos que foram absorvidos, contribuindo assim, para uma sociedade menos LGBTfóbica. Mediante ao exposto, é possível considerar que as contradições do contexto normativo e heteronormativo, que são resultados da sociedade patriarcal, invalidam os direitos LGBTI+, através do preconceito e discriminações que são parte de um contexto histórico, seja ele cultural ou religioso e que precisa de luta diária para o fim desse tabu imposto socialmente.

Agradecimentos

Agradeço a minha professora orientadora Maria Inez, que me concedeu a oportunidade de aprender sobre pesquisa científica e ao Grupo de Pesquisa Gênero, Trabalho e Políticas Públicas do qual faço parte e que contribui para

um aprendizado engrandecedor como pessoa e acadêmica por meio de suas pautas e discussões. Gratidão!

Referências

GONÇALVES, A. SPINELLI, A. et. al. **A Violência LGBTQIA+ no Brasil**. FGV DIREITO; SP- São Paulo 2020.

GRUPOGAYDABAHIA. **Relatórios Anuais de Mortes LGBTI+.**

Disponível:<<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>

Acesso em:15/05/2022.

OLIVEIRA, P; RODRIGUES, R. **Origem e Capilarizações da Lgbtfobia: O Estado Brasileiro e a Violência LGBTfóbica**. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, p. 74-84, 2020.

SILVA, Adriele de Souza da. **A Violência Doméstica na Trajetória das ‘Marias’ Atendidas pelo NUMAPE**. 2019. 131f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual do Paraná, Paranavaí, 2019.